

**TRABALHO E CONHECIMENTO
O MOVIMENTO CONSTITUTIVO NA FORMAÇÃO
DO HOMEM***

**Araci Hack Catapan - UNOESC
Luiz Carlos Cerquinho de Brito - UFA
Tania Lucia Lupatini - UNIOESTE
Zeina Rebouças Correa Thomé - UFA**

Introdução

Este trabalho apresenta alguns resultados de um estudo que funda o desenvolvimento de diversos processos de elaboração de dissertação. O presente estudo investiga o movimento histórico constitutivo da formação do homem contemporâneo. Como tudo que se relaciona com a problemática da formação do homem, este trabalho também se desdobra sobre um ponto de vista polêmico ao nortear indicações de possibilidades objetivas do homem desenvolver-se onilateralmente.

Nesta análise se destaca, especialmente, a relação entre a produção material e o processo de construção do conhecimento no devir do homem como sujeito e, portanto, na sua formação histórica em geral e na educação em particular.

* Este texto resultou de um processo de elaboração coletiva realizado, por quatro mestrandos em Educação na Universidade Federal de Santa Catarina sob coordenação e orientação do Prof^o Dr. Lauro Carlos Wittmann.

I. Elementos Articuladores da Relação Trabalho e Conhecimento

O entendimento do processo de trabalho e conhecimento no movimento constitutivo da formação humana exige que se destaquem conceitos básicos que configuram o desenvolvimento histórico do homem em sua trajetória de objetivação. A partir da conceituação de natureza humana em geral e natureza humana modificada desdobra-se a visão do homem enquanto espécie e do homem como indivíduo particular e síntese da espécie.

1.1. A Natureza Humana em Geral: Conceito Ontológico

A concepção de homem como ser inclui a conceituação de uma natureza comum inerente a todos e a cada um da espécie.

A natureza humana em geral se constitui na universalidade do ser humano enquanto “ente-espécie”, detentor de potencialidades para relacionar meios e fins num processo de satisfação de suas necessidades. Neste sentido, esta natureza é elemento decisivo e pressuposto da atividades vital do homem.

Historicamente a natureza humana se constitui pelo ser consciente. Esta consciência não é apenas consciência de si mesmo, mas também consciência da espécie. O substrato da natureza humana se efetiva na relação entre determinações internas e externas e neste conjunto de relações dialéticas, o homem inscrito no mundo, se afirma, negando-se a si mesmo. Dizendo de outra forma, a subjetividade e a objetividade se dão no movimento interativo das relações sociais com o mundo, consigo mesmo e com os outros.

A singularidade da essência natural humana, não advém nem se radica na natureza objetiva, nem na natureza subjetiva, mas na capacidade do homem constituir-se consciente na relação. Portanto, o homem tem o seu ato de origem como essência humana na consciência.

A consciência estrutura a ação humana, constituindo o caráter humano do agir, revelando o homem como ser ontocriativo que constrói a realidade humano-social por meio da práxis. Por práxis entende-se aqui a determinação da existência humana como elaboração da realidade. Sendo uma atividade produzida historicamente, ela se renova de forma contínua. (cf. Kosík, 1989 p. 202-5).

Desdobrando o conceito encontramos na práxis dois momentos de um único movimento: o momento laborativo e o existencial.

No momento existencial, a individualidade do homem se produz e se manifesta nas relações. A subjetividade humana, na busca da

auto-realização do homem, se expressa na objetivação intersubjetiva necessária, própria a sua manifestação como indivíduo.

O momento laborativo expressa a inserção do homem através de sua produção ativa. Aqui a natureza humana aparece como trabalho e realidade dele, "... é a objetificação da vida espécie do homem, pois ele não mais se reproduz a si mesmo apenas intelectualmente, como na consciência, mas ativamente e em sentido real, e vê seu próprio reflexo em um mundo por ele construído." (Marx in FROMM, 1983, p. 96-97).

Portanto, o homem se exterioriza por meio de sua atividade vital na objetivação em sua relação com o mundo, na relação intersubjetiva com os outros homens e na relação consigo mesmo.

1.2. A Natureza Humana Modificada: o Devir mediado pela Práxis.

Na construção da realidade gerada pela práxis humana, a objetivação do homem no seu devir como sujeito implica rupturas materializadas em processos de abstrações historicamente produzidos.

Há inúmeros processos de abstrações postos nas ações dos homens. Aqui nos interessa de forma específica analisar o conceito de trabalho humano abstrato, síntese da vida material que a partir das rupturas processadas a nível do real é o fundamento de si mesmo. Este, trabalho humano abstrato criador e autocriador no seu processo de devir vai se pondo e por meio dele a matéria se determina e é determinada.

A abstração do trabalho se dá por meio da redução do concreto ao abstrato por vários processos a saber:

— abstração da relação tempo espaço, da atividade produtiva e do seu resultado posto nas mercadorias;

— abstração da relação quantidade/qualidade durante o processo de troca: a abstração do uso é condição 'sine qua non' para efetivação do valor-de-troca;

— abstração do homem singular no processo de produção pela subsunção de suas atividades particulares em patamares mais elevados como trabalho social;

— abstração das relações entre produtores individuais, por meio da objetivação, a partir da troca, do caráter social do produto de seu trabalho.

Postas todas estas determinações, concretiza-se a gênese do trabalho humano abstrato, materializado em uma nova realidade universal que se funda a si mesmo e retoma o processo. Esta realidade se põe em múltiplas formas concretas de trabalho e de relações sociais,

através da produção dos homens na modificação da objetividade natural em objetividade histórica.

Na objetividade histórica o trabalho, como atividade vital do homem, é o princípio do conhecimento. O processo ativo da gênese e da diversificação do conhecimento situa-se historicamente, sendo determinado pelas formas de organizações produtivas e sociais. Este processo revela o esforço do homem em compreender a realidade e, a partir daí, interferir a nível do real historicamente em produção.

No centro dessas transformações está a ciência e a tecnologia enquanto atividades realizadas pelo homem de forma intencional e sistemática, objetivando a produção de conhecimentos sobre os diversos aspectos da natureza. Isto posto, vale ressaltar que existe uma íntima relação entre ciência e tecnologia na elaboração e aplicação dos conhecimentos no mundo da produção e de forma específica nos processos de trabalho.

A evolução deste processo científico e tecnológico na produção, hoje, indica para a abstração plena do indivíduo enquanto trabalhador manual no processo de produção, corporificando o trabalho na máquina, realizando uma nova síntese social. A partir de princípios objetivos o homem é liberado do processo de trabalho em decorrência da base material posta pela automação. A reorganização do trabalho decorrente desta nova base material introduz novas exigências para a formação profissional pertinente, que implica a necessidade de processos de interação — ação reflexionante — do conhecimento de um campo para outro.

Nesta perspectiva se revela a precariedade da unilateralidade na formação do homem e se exigem novas bases para a sua formação.

1.3. As Bases da Formação da Onilateralidade Humana

O esforço de explicitar uma concepção de formação do homem plenamente onilateral pressupõe buscar as pré-condições de sua existência a partir do seu oposto imediato, isto é, o homem alienado.

A formação do homem se dá no processo histórico, no movimento contraditório de suas relações sociais e com a natureza de forma unilateral. A forma unilateral de desenvolvimento da singularidade humana é fruto de determinações históricas em que as forças produtivas e o trabalho aparecem alheios ao homem.

Na sociedade capitalista, a expansão da propriedade privada, a apropriação do trabalho alheio e a ampliação da divisão técnica do trabalho, conduziu à alienação material do homem, tanto do processo de trabalho como dos produtos desse trabalho, convertendo o sujeito em objeto e o objeto em sujeito. Estas determinações constitutivas do

processo de alienação do homem aparecem no desenvolvimento histórico das forças produtivas do trabalho social, no qual se engendrou o enriquecimento da espécie e o empobrecimento do homem singular.

Neste contexto, a alienação do homem significa, também, que cada homem está alienado dos outros e de si mesmo. Assim, “O homem alienado não o está apenas dos outros homens, ele está alienado da essência da humanidade, de seu ente-espécie, tanto de seus atributos naturais [atividade vital] como espirituais.” (FRONN, 1983, p. 58)

As determinações que engendram o homem sob a produção capitalista põe, ao mesmo tempo, a materialidade desta alienação e as pré-condições para sua superação.

Esta superação se funda no avanço da ciência e da tecnologia no desenvolvimento das forças produtivas, exigindo a formação onilateral do homem, libertando-o da limitação à satisfação das necessidades naturais em direção a necessidades historicamente construídas. Dessa forma, a onilateralidade é vista como processo de desenvolvimento pleno do homem, que o liberta da compressão para dentro de formas específicas de existência humana, fundando a existência emancipante.

2. Para Além do Homem Trabalhador

O núcleo central desse estudo apresenta aspectos básicos referentes à produção de conhecimento. O conhecimento, como fonte de evolução histórica da objetivação do homem em seu desenvolvimento como sujeito, possibilita, a este, superar a condição de predicado trabalhador através de processos materialmente construídos.

Além da análise do processo de construção do conhecimento, importa analisar, os novos elementos determinantes na formação do homem, postos na atividade humana que superam a positividade do trabalho tradicional.

Entender as condições imanentes deste cenário, implica necessariamente, indicar mudanças na educação, particularmente na questão da formação do agente educador, pertinentes às novas bases materiais construídas no contexto.

2.1. A Produção Material e o Processo de Construção do Conhecimento

A gênese do conhecimento comporta tanto o conhecimento objetivado na realidade da produção material ou na modificação prática da natureza, quanto o conhecimento como processo cognitivo ou agenciamento humano. Importa, em consequência, compreender a

mediação que se processa na relação entre estes conhecimentos, como determinação recíproca, constituinte da práxis.

Na modificação prática da natureza, o homem — ser cognoscente — não se esgota na objetividade, ou seja, ele não é sem a objetivação, porém esta objetivação comporta uma estrutura desdobrada em ações objetivas e ações subjetivas, estruturando o processo de construção e apreensão a do conhecimento, não apenas como resultado, mas como momento da própria ação.

No plano das relações em que o homem singular está imerso, este movimento se processa no sujeito, não só no sentido de captar a representação fenomênica, mas, fundamentalmente, no sentido de captar as determinações que o fenômeno esconde por trás de si. Portanto, na ação, o homem busca compreender o objeto em si, para além de como ele se manifesta, ou seja, apreender as propriedades, as determinações do objeto e todas as suas relações. Uma vez que o conhecimento flui da atividade conceitual, é possível depreender as determinações que permitem captar a lógica imanente do e no objeto em suas relações internas e externas.

A elaboração conceitual é resultado da atividade humana que se processa na relação sujeito/objeto, não apenas no sentido de correspondência associativa, mas no sentido de interação que se faz entre o real e as estruturas que coordenam as ações. “... conhecer um objeto é agir sobre ele e transformá-lo, apreendendo os mecanismos dessa transformação vinculados com as ações transformadoras”. (Piaget, 1988, p. 37)

O esforço que o sujeito faz em apreender as determinações de um conceito em sua negatividade, isto é, formalizando rede de relações reflexionantes acerca da reconstrução interna da realidade, permite fugir tanto da simples representação quanto do mero conceitual abstrato, seguindo a flexibilidade do jogo dinâmico das determinações do real, garantindo a dinâmica da construção histórica do conhecimento científico.

2.2. A Produção Automatizada e Aspectos Decisivos na Formação do Homem Individualizado

O avanço das forças produtivas introduz materialmente, em novas bases, inovações tecnológicas no processo de produção da existência humana, exacerbando estruturalmente o impacto tecnológico ao nível do social e, conseqüentemente, interferindo diretamente na vida do homem singular.

As implicações estruturais carregam uma mudança profunda, que não ocorre somente no processo produtivo, mas que permeia todos os aspectos da vida social.

A atual revolução técnico-científica desencadeia no mundo da produção material processos de automação industrial. Esta nova base material decorre da automação dos processos de trabalho. Por um lado, as conseqüências desse processo conduzirão a um grande incremento da produtividade e da riqueza social. Por outro lado, provocarão uma redução na demanda do trabalho vivo (Cf. SHAFF, 1990, p.22-70) e uma alteração profunda na qualificação do trabalho, ou seja, no conjunto de capacidades e conhecimentos que o homem deve aplicar nas tarefas que constituem sua atividade.

Assim, ressaltamos que as mudanças provocadas pela automação significam alterações no perfil do homem e de sua formação. Mudam-se as exigências e habilidades, pois a máquina ferramenta automática possibilita romper a estrutura do processo de produção como processo de trabalho vivo. O homem é, de certo modo, posto para fora, liberado do processo, dominando os procedimentos e criando graus de autonomia cada vez mais reais.

O trabalho abstrato é pré-condição histórica que põe o trabalhador coletivo e determinadas condições materiais no desenvolvimento lógico-histórico no processo de trabalho. Assim, o trabalho humano abstrato se põe também na produção como realidade materializada na máquina automática, prescindindo do trabalhador.

A base material no desenvolvimento das forças produtivas dá os fins e indica os meios para a superação da velha forma de trabalho na produção da existência humana.

Entrando no âmago da questão, veremos que a problemática em análise compreende a relação do trabalho abstrato com a formação do homem, exigindo o estabelecimento de novas relações sociais. O princípio objetivo de produção material posto pela base científico-tecnológico funda uma organização do trabalho que institui a atividade humana produtiva para além da divisão do trabalho intelectual versus manual. Esta atividade humana produtiva é, sob muitos aspectos, particular tanto ao tipo de homem dentro da indústria como na sociedade em geral.

O exposto anteriormente traça um marco que explicita o desenvolvimento conceitual histórico do homem pleno em sua trajetória de objetivação. Neste contexto, a idéia de unilateralidade se desdobra na visão do homem enquanto espécie e do homem como indivíduo particular e síntese da espécie. Tal entendimento parte do desenvolvimento histórico das forças produtivas e do grau elevado das capa-

idades intelectuais da mente humana, bem como do acesso ao consumo material e gozo de bens culturalmente construídos. Decorre daí a tentativa de consubstancializar no indivíduo os avanços da espécie humana, tornando ato as suas potencialidades particulares.

O processo histórico de auto-criação do homem se apresenta como disponibilidade para a apropriação individual decorrente do desenvolvimento das forças produtivas existentes na modernidade. Isto oportuniza a plena exteriorização das faculdades criativas do homem, que "... não mais subsumido pelos aspectos determinados, está em condições de enfrentar como indivíduo as variações da tecnologia".(Manacorda, 1991, p. 84).

A reconstrução da onilateralidade, a partir de Marx, é condição *sine qua non* para romper o estado de alienação específico do capitalismo. Apesar de dadas as condições materiais, contraditoriamente, como tendência, a sociedade moderna nega a possibilidade, já possível, de se assumir socialmente a onilateralidade como objetivo consciente.

2.3. A onilateralidade e a Formação do Educador

A sociedade capitalista, estruturada nos moldes atuais, demanda uma concepção de homem unilateral gestada pela divisão do trabalho parcializado no mundo da produção. Articulada a este tipo específico de homem se forja uma concepção de educação assentada sob a ótica da qualificação da força de trabalho.

A superação da visão unilateral está fundada na base material da produção e no avanço do conhecimento técnico-científico, requerendo mudanças radicais na formação do homem em geral e na e do educador em particular.

Estas mudanças da educação, em novas bases de formação, encaminha para um posicionamento frente à realidade, calcado no perfil de homem unilateral. Os elementos básicos, da constituição do homem unilateral, estão postos na própria natureza humana, construída historicamente, que se constitui pela objetivação das potencialidades humanas e no trabalho humana abstrato como conhecimento materializado no desenvolvimento técnico-científico.

Neste sentido, o conjunto das atitudes e comportamentos construídos nas relações do homem consigo mesmo, com os outros e com o mundo, varia de forma particular, sob condições historicamente produzidas nos diversos campos sociais. Este desenvolvimento produzido intencionalmente intervém na educação do homem unilateral em forma de princípios de ação.

O conjunto das condições objetivas do mundo material, tem um efeito estruturante sobre as variadas práticas de socialização, contribuindo para a formalização nos indivíduos de princípios de ação, isto é, de “habitus” enquanto disposições incorporadas, dotadas de poder gerador, criador, ativo das aspirações e práticas que estão na base do comportamento do homem como espécie e como indivíduo.

O “habitus” se exterioriza através de princípios de ação que tem sua base geradora nos esquemas de classificações e discernimentos. Estes, por sua vez, operacionalizam determinado sistema de disposições não transitórios, mas transponíveis de um campo de conhecimento para outro. Evidenciam, desta forma, o conjunto de esquemas generativos capazes de fornecer matriz de ‘percepção, apreciação e ação’ em formas abertas, operativas, dinâmicas, de práticas sociais estruturantes da experiência humana.

A estrutura objetiva resultante das práticas dos múltiplos campos sociais constroem, necessariamente, efetivos processos de interação entre os diferentes campos de produção e aplicação de conhecimentos. O estabelecimento desses processos de interação compreende a formalização, na práxis, de sistemas de disposições capazes de operacionalizar estratégias de ação, objetivamente pertinentes à determinadas situações. O postulado de estratégias de ação requer recursos advindos de inúmeras fontes científicas, impondo-se assim o caráter interdisciplinar no trato da produção e aplicação de conhecimentos.

O caráter interdisciplinar não se restringe a um processo associativo de diferentes campos de conhecimentos, onde uma temática é analisada sob diferentes ângulos numa perspectiva de formação unilateral. Ele comporta um processo de trabalho intelectual concretizado por recombinações construtivas dos diferentes campos de apreensão da realidade.

Este processo interdisciplinar rompe os limites da formação unilateral reducionista, apontando para as diferentes formas de apropriação pelo homem da complexidade do avanço técnico-científico. Na educação, a interdisciplinaridade se faz meio de articulação entre a concepção de homem unilateral e a formação do educador.

A formação do educador, na perspectiva da onilateralidade, como desenvolvimento pleno do homem, se funda numa substancial base epistemológica interdisciplinar. Esta base possibilita o desenvolvimento de graus de autonomia cada vez mais elevados e expressos, tanto na singularidade crescente do indivíduo, quanto no devir da espécie.

Nestes termos, a formação do educador se funda e comporta a concepção de homem onilateral posta materialmente nas ações dos homens em práticas sociais amplas.

A interdisciplinaridade, na operacionalização da formação onilateral, constitui-se em perspectiva teórico-metodológico da elaboração e apropriação dos conhecimentos presentes nas intervenções educativas.

Considerações Finais

Voltados à necessidade de compreender o movimento constitutivo da formação do homem, tendo como eixo condutor a relação trabalho e conhecimento, o presente estudo baseou-se no entendimento de que o avanço do conhecimento científico e tecnológico é a força propulsora do desenvolvimento das forças produtivas. Isto resulta na possibilidade do homem pôr-se como sujeito, considerando as pré-condições, pressupostas na objetivação do trabalho humano abstrato — na máquina automática — como abstração real materializada, que concretiza a libertação da mão.

Pode-se depreender daí, que o processo de produção do homem onilateral está fundado nas novas bases materiais e no estabelecimento de suas novas relações sociais, visto que o avanço técnico-científico aponta, hoje, para a possibilidade de superação da velha forma de trabalho na produção da existência humana.

Neste sentido, a onilateralidade do homem requer mudanças na sua formação em geral e na do educador em particular. A presente análise aponta a interdisciplinaridade como perspectiva teórico-metodológica capaz de romper os limites de uma formação unilateral reducionista.

Enfim, o movimento constitutivo na formação do homem, segundo esta concepção, tem como elementos articuladores a relação trabalho e conhecimento no seu devir mediado pela práxis, apontando as bases que põem a onilateralidade humana como força propulsora que indica a superação do homem trabalhador.

Referências Bibliográficas

- BORNHEIM, Gerd. *Dialética: teoria e práxis*. São Paulo, Ática. 1983.
- BOURDIEU, P. Estruturas Sociais e Estruturas Mentais. *Teorias & Educação*, Porto Alegre, (3):113-9, 1991.
- ETGES, Norberto Jacob. *Trabalho e Conhecimento*. Florianópolis, UFSC-CED, 1991, (mimeo).

- . *Produção do Conhecimento e a Interdisciplinaridade*. Florianópolis, UFSC-CED, 1991 (mimeo).
- FAUSTO, Ruy. *Marx: lógica e política*. São Paulo, Brasiliense, 1987, Tomo I e II.
- FROMM, Erich. *O conceito marxista de homem*. 8ª ed., Rio de Janeiro, Zahar, 1983.
- GOLDMAN, Lucien. *Epistemologia e Filosofia*. Lisboa, Provença, 1978.
- HARKER, Richar F. Reprodução, Habitus e Educação. *Teorias & Educação*, Porto Alegre, (1): 79-92, 1990.
- KOSIK, Karel. *A Dialética do Concreto*. 5ª ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1998.
- MANACORDA, Mario A. *Marx e a Pedagogia Moderna*. São Paulo, Cortes, 1991.
- MARX, Marx. *Grundrisse: elementos fundamentais para la crítica de la economía política*. Buenos Aires, Siglo Veintiuno, 1973.
- . *A Ideologia Alemã*. Trad. José C. Beni & Marco A. Nogueira. 6ª ed., São Paulo, UCITEC, 1987.
- . Manuscritos de 1844. In Fromm, Erich. *Conceito marxista de homem*.
- PIAGET, Jean. *Epistemologia genética, sabedoria e ilusões da filosofia*. São Paulo, Abril, 1980. Coleção Os pensadores.
- . *Biologia e Conhecimento*. Petrópolis, Vozes, 1987.
- . *Psicologia e Pedagogia*. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1988.
- SCHAFF, Adam. *A sociedade Informática*. São Paulo, Ed. UNESP, 1990.
- SILVA, Tomás Tadeu da. *Retomando as Teorias da Reprodução. Teorias da Educação*, Porto Alegre, (1): 155-79, 1990.
- . (Org.). *Trabalho, Educação e prática social*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1991.